



## MATAR O ESTADO PARA UMA FALSA LIBERDADE Quando o neoliberalismo gera novos populismos

O que está a ocorrer na Europa, semelhante ao que acontece nos EUA, reflete uma moda ideológica. Como evolução natural do neoliberalismo, os novos movimentos populistas ocidentais têm como matriz a luta pela destruição do Estado enquanto entidade política limitadora dos seus apetites predadores.  
Texto de Carlos Matos Gomes.

MARCO NEVES

Animais escondidos  
na Língua Portuguesa

FERNANDO ALVES

Como um naufrágio  
em terra firme

© PIXABAY.COM

tvS

Suplemento Cultural do Jornal TVS  
suplementoculturaltvS@gmail.com  
Coordenação: Luís Ângelo Fernandes  
e José António Gomes  
Design: Fedra Santos Impressão: Lusoibéria



# Não dizemos adeus, mas apenas até já!

Quando, em junho de 2021, lançámos este Suplemento Cultural, explicitámos os seus principais objetivos. Cumpridos dois anos, acreditamos ter dignificado uma tradição antiga na imprensa nacional e regional, apresentando, em destacável, contributos valiosos para o pensamento, a cultura e a literacia, abordando temáticas da atualidade, sem descurar notícias e análises da realidade local.

No entanto, manter este ritmo torna-se um desafio diário, que não conseguimos prosseguir com a periodicidade mensal. Todos os contributos são voluntários, desde a coordenação aos textos e ilustrações, passando pelo grafismo e paginação, sem esquecer os custos da execução gráfica, assumida pela administração do jornal TVS. Agradecemos, por isso, a todos os que acreditaram em nós e na importância deste projeto e, naturalmente, aos leitores, sobretudo aos que nos felicitaram e incentivaram.

Foi, ainda, uma forma digna de comemorar os 40 anos do jornal, em harmonia com o seu diretor, Sérgio Silva, cujo falecimento imensamente nos perturbou.

Não dizemos adeus, pois pretendemos regressar quando as circunstâncias se tornarem mais favoráveis, na convicção de voltarmos a proporcionar um instrumento útil de informação e fruição, de crítica e problematização, num jornal com passado honroso e futuro sempre promissor.

Luís Ângelo Fernandes  
José António Gomes



## CERTAS PALAVRAS

# 20 animais escondidos na língua portuguesa

Marco Neves

No segundo episódio dos *Palavrões da Ciência*, conversámos com Hugo Rebelo, um cientista que investiga morcegos. Ficámos a saber por que razão os morcegos comem metade do seu peso em insectos *todos os dias* e ainda porque poderão ajudar a melhorar a saúde humana no futuro.

Ao falar deste animal (que está geneticamente bem mais próximo de nós do que pensamos), lembrei-me de uma lista que escrevi há poucos anos, onde fui procurar alguns animais que se escondem na nossa língua a partir da “pulga atrás da orelha”.

Nenhuma das expressões inclui morcegos — será talvez por causa do medo de que falámos no episódio? O inglês tem a expressão “cego como um morcego”. Nós não caímos nesse disparate (um morcego não é cego, como o Hugo explica no episódio), embora o próprio nome da espécie em português tenha origem nesse engano (“morcego” vem de “rato cego”; os morcegos não são ratos nem são cegos).

Bem, não importa. A reboque desses interessantíssimos animais (que metem medo sem razão), aqui fica a lista de 20 animais da língua portuguesa (há mais, claro!):

### 1. Pulga atrás da orelha

Foi esta a expressão que me deixou curioso: a língua tem muitos animais, não tem?

### 2. Em boca fechada não entra mosca

Uma expressão bem verdadeira — mas se não entra mosca, também não sai nada de interessante. Às vezes, mais vale perder o medo e falar — mesmo se às vezes dissermos disparates ou cairmos na tentação de dizer cobras e lagartos.

### 3. Cobras e lagartos

Coitados destes bichos — ninguém gosta deles e são metáfora para as crueldades que lançamos da boca para fora. Sempre fomos um pouco injustos para com os animais — que culpa têm as cobras e os lagartos das nossas maldades?

#### 4. Lágrimas de crocodilo

Sabe-se lá donde vem esta estranha fama: alguém já viu um crocodilo a chorar? Eu não — mas já vi muita gente com lágrimas de crocodilo, é bem verdade.

#### 5. Engolir sapos

Pois, se as cobras, os lagartos e os crocodilos metem um certo medo, o que dizer dos sapos? Algum nojo, é o que metem — principalmente se os tivermos de engolir. E, no entanto, para lá do nojo, o famoso animal é metaforicamente engolido tantas e tantas vezes, principalmente em eleições (dizem).

#### 6. Dinossauros

Não saímos da política: os velhos dinossauros, animais possantes e bem extintos há milhões de anos, conservam-se ainda em muitas câmaras municipais por esse país fora, embora agora com mais dificuldade.

#### 7. O primeiro milho é para os pardais

Os velhíssimos dinossauros extinguíram-se, mas não morreram todos — alguns acabaram por dar origem às aves, que agora andam a esvoaçar pela nossa língua. Para começar, temos os pardais, que têm sempre direito ao primeiro milho.

#### 8. Água no bico

Sim: a velha galinha é um dinossauro depois de uns milhões de anos de clara decadência. Decadência? Sim: não me parece que haja por aí algum Spielberg pronto a filmar uma história sobre um parque cheio de galinhas... E, no entanto, são um animal como os outros! Embora, às vezes, tragam água no bico...

#### 9. Memória de elefante

Sem dinossauros, temos outros grandes animais, a começar pelos simpáticos elefantes. Serão assim tão bons a recordar? Provavelmente, não — tal como os peixinhos de aquário também não são assim tão maus no que toca à memória. Dizem que, afinal, uma recordação de aquário ainda dura uns meses...

#### 10. Vai pentear macacos!

Uma ocupação curiosa: pentear macacos... Será que algum deles deixaria um pente chegar-lhe à trunfa? Não me parece — mas mesmo assim lá mandamos quem nos chateia ir pentear os ditos símios.

#### 11. Tirar macacos do nariz

Símios esses que também aparecem dentro dos nossos narizes, para gáudio das crianças, sempre prontas a tirá-los de lá!

#### 12. Macaquinhos no sótão

Já os adultos, se não assumem tão facilmente os macacos que têm no nariz, talvez seja por terem muitos macaquinhos no sótão...

#### 13. A cavalo dado não se olha o dente

Pois, temos de ser exigentes, claro está — com os cavalos e não só. Mas se alguém nos oferece um cavalo, para quê reclamar? O mesmo se aplica se alguém nos oferecer um gato caçador...

Já os adultos, se não assumem tão facilmente os macacos que têm no nariz, talvez seja por terem muitos macaquinhos no sótão...

#### 14. Quem não tem cão caça com gato

Os gatos, coitados, até são bons caçadores. Por mim, não me importaria de caçar com um gato — mas admito que seja mais fácil pedir ajuda aos cães, treinados por séculos e séculos para nos ajudar nisto (e noutras coisas). Seja como for, nesta curiosa expressão da nossa língua, o que temos é mais uma manifestação do famoso *desenrascanço*.

#### 15. Cão que ladra não morde

Se dizem que o tal desenrascanço é muito português, também o será (dizem as más-línguas) andar aos gritos sem fazer grande coisa para resolver o que quer que seja. Quem ladra não morde! E quando não ladra? É então que a porca...

#### 16. Agora é que a porca torce o rabo

Uma das mais estranhas expressões do português: o que acontece a uma porca com o rabo torcido? Não sei: mas sei que é nesses momentos em que a porca torce a cauda que a coisa começa a ficar interessante! E é nestas expressões sem lógica que o português se revela uma língua bem malandra...

#### 17. Vozes de burro não chegam ao céu

Se, enfim, alguém se põe a chatear e não podemos mandá-lo pentear macacos, temos de morder o lábio e imaginar que há vozes que se mantêm rasteiras, sem subir às nuvens.

#### 18. Nem que a vaca tussa

E reclamem o que quiserem, mas há coisas que não fazemos — nem que a vaca tenha um ataque da dita tosse.

#### 19. Outra vaca no milho

E, por fim, porque a língua também se faz daquilo que não conhecemos, deixo aqui uma expressão galega, mas de sabor tão nosso. Quando alguém cai no mesmo erro que tantos e tantos outros, dizem os galegos que é “outra vaca no milho”. Se não servir para mais nada, que esta crónica sirva para espalhar essa bela expressão por terras a sul do Minho.

#### 20. Burro velho não aprende línguas

Sim, a partir da adolescência é mais difícil aprender línguas (somos todos burros velhos muito cedo). No entanto, continuamos a aprender a nossa língua — e, no fundo, a recriá-la — até ao nosso último dia. Não há dia em que não aprendamos alguma coisa nova, mesmo sem notar.

Há tantas, tantas outras expressões com animais. São apenas um dos muitos recantos da nossa língua, que é um armazém de metáforas antigas, imagens muito nossas, pequenos alfinetes que nos picam a imaginação... ||

Sabe-se lá donde vem esta estranha fama:  
alguém já viu um crocodilo a chorar?  
Eu não — mas já vi muita gente com  
lágrimas de crocodilo, é bem verdade.

{ MARCO NEVES é professor na Universidade Nova de Lisboa, tradutor na Eurologos e autor, entre outras, da *História do Português desde o Big Bang* e do sítio <https://certaspalavras.pt/> }





“Chegou a altura de as oligarquias derrubarem o Estado, enquanto entidade política limitadora dos seus apetites predadores.”

#### TEMA DE CAPA

# Os novos populismos filhos do neoliberalismo

Carlos Matos Gomes

(D)eus me salve dos salvadores, que do inimigo salvo-me eu.) Lendo os jornais “ocidentais” (europeus e americanos), vendo as TV, descobrimos uma intensa agitação social envolvendo na grande maioria dos casos os funcionários da administração pública do Estado, ou prestadores de serviços essenciais, educação, saúde, justiça, burocracia, transportes. O inimigo é o Estado. A causa declarada e explícita é a da luta contra o “aumento do custo de vida” que, curiosamente parece só ter atingido estes grupos, dado os outros não se manifestarem...

Como a ação política não há movimentos espontâneos, ou são extremamente raros, como não há manifestações espontâneas com milhares de pessoas trazidas para um dado ponto sem uma organização, sem patrocinadores e sem um objetivo ideológico, para além das “sempre justas” reivindicações devemos perguntar o que está por detrás dos salvadores e dos que saem à rua.

O que está a ocorrer na Europa é semelhante (ou tem a mesma raiz) ao que acontece nos EUA, reflete uma moda ideológica: os novos movimentos populistas ocidentais têm como cimento ideológico a luta pela destruição do Estado e são uma evolução natural do neoliberalismo. Passada a fase do neoliberalismo impor a desestruturação da sociedade, transformando os cidadãos em consumidores, os grupos sociais em indivíduos, os

trabalhadores em empresários a título individual, chegou a altura de as oligarquias derrubarem o Estado, enquanto entidade política limitadora dos seus apetites predadores.

O fim do Estado que alguns setores já reivindicam explicitamente derruba as barreiras de proteção social que foram construídas ao longo dos tempos. O “trumpismo” constituiu o primeiro grande afloramento da nova fase do neoliberalismo e do mundo que se está a preparar e onde a guerra na Ucrânia desempenha o papel de ignidor, ou de vulcão em atividade. O trumpismo é uma manifestação de ataque ao Estado fundada na ideologia do neoliberalismo. A luta ideológica contra o Estado inclui o negacionismo, desde a recusa às vacinas à recusa da ciência (até à esfericidade do planeta), a defesa da livre posse de armas (a negação do Estado enquanto garante da defesa da sociedade), a fuga aos impostos (a diminuição dos recursos financeiros do Estado, um ato que Trump tem publicitado), o evangelismo (a alternativa ideológica com a criação de salvadores) e o novo sindicalismo de oportunidade para desestruturar a organização dos trabalhadores ainda existentes.

Na Europa, a elevação do Estado a inimigo principal é muito clara nas manifestações de setores do funcionalismo público, caso de professores, funcionários da área da saúde, da justiça e de transportes, grupos sociais descendentes do operariado e do campesinato gerados pela ascensão social proporcionada pelo estado de bem-estar, que democratizou e generalizou



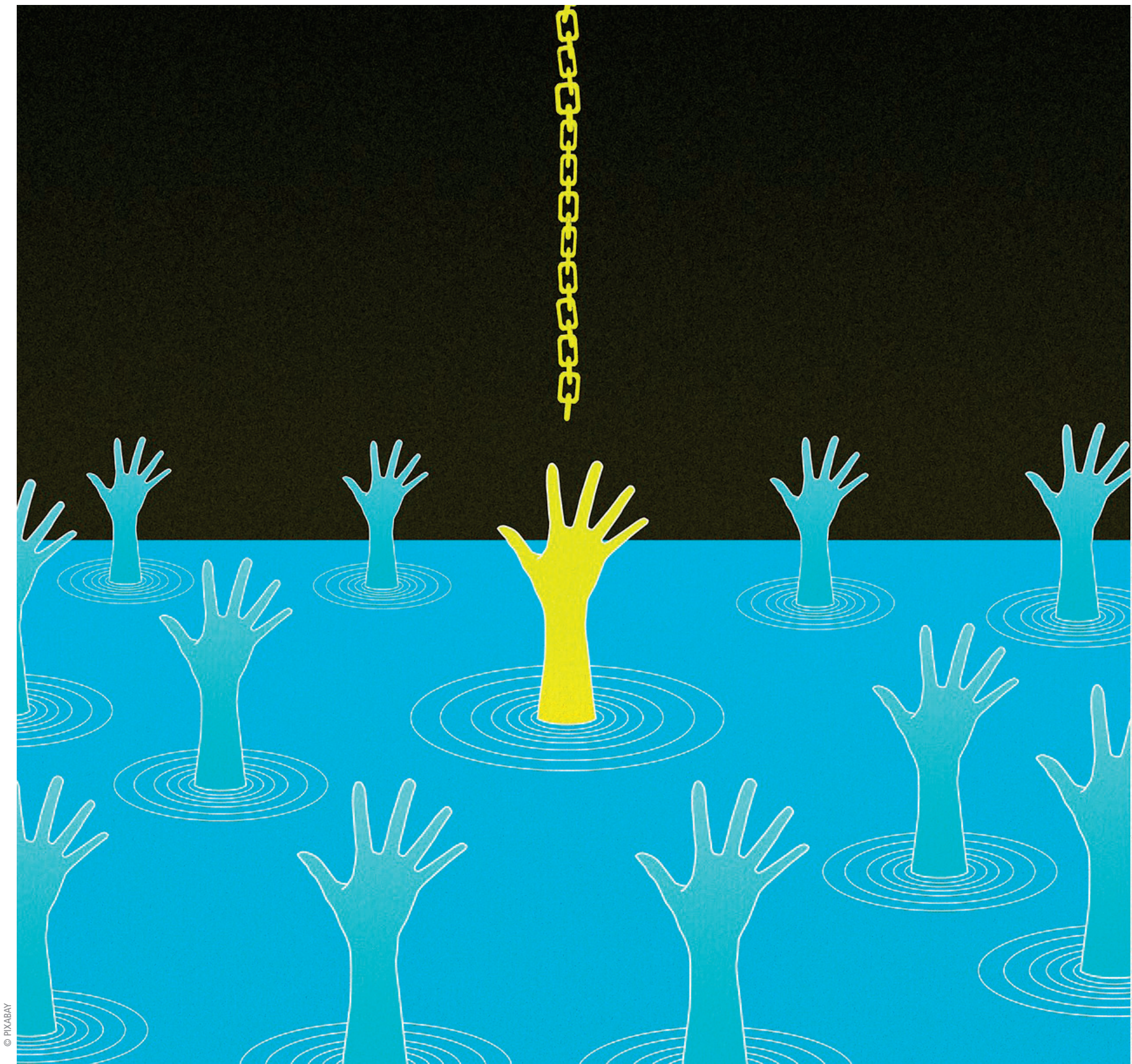
o ensino. A luta destas novas organizações de que não se conhece nem o passado, nem o presente, nem os padrinhos, mas que gozam de amplo apoio dos meios de comunicação social, é dirigida no essencial contra as organizações com história, apresentando-as como colaboracionistas do “patronato” (uma tática que vem dos grupos maoistas dos anos 60 e 70). A luta do STOP é claramente dirigida contra a FENPROF, obrigando esta estrutura a entrar numa competição de exigências.

A nova fase da implantação do neoliberalismo agrega os renovados movimentos apocalípticos e milenaristas que têm antecedentes na Idade Média, defensores de um caos para dele surgirem os salvadores. Inclui setores aparentemente incompatíveis, mas unidos pelo mesmo objetivo e utilizando os mesmos métodos. Em Portugal são representados politicamente pelo Chega, socialmente pelo recém surgido STOP e religiosamente pelas igrejas evangélicas. São movimentos que a pretexto de naturais aspirações de acesso a bens propõem um suicídio, exigindo que o Estado se sangre e esvaia para os satisfazer, antes deles tomarem as rédeas do poder.

Os demagogos que surgem como profetas têm como missão desenvolver uma política de terra queimada, matar o Estado para que este não intervenha, mesmo que de modo pouco eficaz como já o faz na ação dos predadores. Para servirem quem os patrocina dispõem-se a sacrificar os seus seguidores, a arrastar os amorfos e a eliminar os que os desmarcaram.

Eu, que nunca foi um defensor do Estado e tenho a minha liberdade individual como maior valor a manter, devo reconhecer preferi-lo a estes falsos amigos da liberdade, de gente que me oferece uma corda não para eu sair de uma dificuldade, mas para me enforcar. ||

} **CARLOS MATOS GOMES** (Vila Nova da Barquinha, 1946) é escritor (pseudónimo literário: Carlos Vale Ferraz) e investigador de História Contemporânea. }



“A missão dos demagogos é matar o Estado para que ele não intervenha.”





“Mulheres móveis”, espetáculo da companhia Astro Fingido.

## SINAIS

# Como um naufrágio em terra firme

Fernando Alves

O entalhador Manuel Fernandes, a quem os amigos chamam Fialho, recebe a repórter Fernanda Pinto, do *Jornal de Notícias*, na sua oficina em Rebordosa, Paredes. Na conversa breve, ele pede que salvem a sua arte. “Parece que estamos num navio, num navio, no meio do mar, a naufragar”, diz o mestre. Estranhas palavras em terra firme.

Eis um pedido de socorro feito pelo homem que não desiste da goiva e do formão, mesmo quando reclama de incerta entidade a criação de “uma esperança” que preserve a sua arte ameaçada. Ele pede, esculpindo as precisas palavras: “Criem uma esperança para sobrevivermos”.

A Câmara de Paredes começou a promover no último verão, com o festival de Artes em Madeira, a arte dos entalhadores, dos carpinteiros, dos escultores de madeira, mas também a memória das carreteiras, as mulheres que transportavam às costas até ao Porto, os móveis que punham estas artes no mapa. E já a partir de hoje Paredes integra, pela primeira vez, uma iniciativa do Turismo do Porto e Norte que promove o turismo industrial.

A casa onde mestre Fialho resiste é um dos lugares visitáveis para melhor compreensão de uma arte que vai da oficina à arte sacra.

A poucas horas do início deste convite à descoberta, o mestre entalhador mostra-se agradado pela possibilidade de ter novos visitantes. E dá conta desse seu agrado, perguntando: “Como é que os alunos vão optar por uma arte que não conhecem?”. Ao cuidado de um qualquer decisor político com sensibilidade para o tema: mestre Fialho lembra que “formar-se nesta arte demora tanto como formar um médico” e, também por isso, sugere que a formação na talha possa beneficiar de fundos comunitários. Talvez nem fosse necessária grande talhada. Bastaria o necessário para evitar a morte da arte.

Entretanto, será necessário que a agonia provoque esta sensação de naufrágio em terra firme? Mestre Fialho faz um diagnóstico cru, de quem viu muito: “Toda a arte só é valorizada quando está em vias de extinção”. Ao cuidado de um decisor político com sensibilidade para o tema. ||

**FERNANDO ALVES** (Lisboa, 1954) é jornalista da TSF e autor da rubrica “Sinais”.



# O caroço de Adão

Celeste Marques

Será este o fruto que no ramo dança  
sobre o campo de verde oferecido  
pingando sumo no chão espremido  
ou boca que o come em perdição?

À sombra dum festim com baba e sol  
será fruto que a lagarta já roeu  
pecado da maçã que Adão comeu  
e semente oculta em maldição?

Fruto que o verão pinta de roxo  
de casca rugosa baça e fria  
que um gesto tenso e curto silencia  
e colhe secretamente em sua mão.

Fruto resinento em sua boca  
na ponta da língua em chaga ardente  
folha, flor e fruto com semente  
que o tempo certo devolveu ao chão.

{ CELESTE MARQUES reside em Lousada. Professora, pintora e poetisa, publicou *O Grito do Pássaro*, *Elos*, *Voo Circular* e *Lousada – Lugares de origem*. }

# O fogo

J. Carlos Teixeira

Do meu quarto  
vejo o teu quintal,  
as tuas costas suadas brancas  
como eram as nossas almas

Antes, as tuas costas eram banais  
despidas do peso da punição,  
que triste!,  
Éramos castos,  
fazíamos lembrar  
os ursos hibernados  
as estrelas do mar  
e não tínhamos filhos  
que se afogavam na praia  
que se cegavam no mato de tanto sol

Agora elas abrem-se,  
saem à minha rua

eis: o fogo

{ J. CARLOS TEIXEIRA (Lousada, 1992), doutorado em Estudos Literários pela Universidade do Porto e de Berlim, tem também diferentes publicações de poesia em Portugal, no Brasil e no México. }

## JORNAL DA HISTÓRIA DE LOUZADA

### Junho de 1923

#### Feira da Senhora da Ajuda

Foi muito concorrida a feira junto à capela de Nossa Senhora da Ajuda, em Nevogilde. Vieram marchantes do Porto, Vizela, Entre-os-Rios e Bragança, que compraram bastante gado gordo. Na próxima feira, que calha em dia de São Pedro, preveem-se grandes festejos.

#### Corpo de Deus em Silvares

Realizou-se a festa do Corpo de Deus, em Silvares, precedida pela celebração da Primeira Comunhão. O brilhantismo foi prejudicado pela chuva copiosa, num dia de autêntica invernã, impedindo o bazar, mas a procissão, embora incompleta, ainda pôde realizar-se, saindo da igreja matriz às 17h30 e chegando ao templo do Senhor dos Aflitos às 19h00. Foi juiz o sr. Joaquim Freire Marques, regedor de Silvares e morador na quinta da Aldeia.

#### Dr. Fidelino da Costa

Hospedado em casa de seu cunhado, o ilustre advogado e notário Dr. António José de Sousa Magalhães, encontra-se nesta vila o Dr. Fidelino da Costa. Natural de Vila Nogueira de Azeitão, é advogado, dirigente do Partido Democrático e ilustre jornalista, nomeadamente em *O Mundo*, deslocando-se, recentemente, a Marrocos, em missão científica, na qual revelou todas as suas qualidades. Por sua vez, de visita ao Dr. José Camilo, Conservador do Registo Civil e advogado, encontram-se entre nós os Drs. Pedreira de Moura, Juiz em Braga, e José Coimbra, Juiz em Caminha.

#### Centenário da festa de Aparecida

O centenário da festa em honra de Nossa Senhora Aparecida, de 13 a 15 de agosto, promete ser surpreendente. Já estão contratadas seis bandas de música e garantidas sessenta dúzias de fogo de artifício, oferecidas por um devoto, a serem lançadas ininterruptamente na noite de dia 14.



Senhora Aparecida. Óleo s/ tela de Joaquim Cardoso.

#### José Luís da Silva

Quando pretendia subir as escadas exteriores de sua casa, caiu desamparado sobre o lajedo do terreiro o sr. José Luís da Silva, antigo e considerado farmacêutico e vereador municipal, que ficou muito contundido. Socorrido rapidamente pelo Dr. José Leão de Queirós, médico, e Mário Pinto da Fonseca, farmacêutico, que lhe prestaram os primeiros socorros, verificou-se que havia sofrido entorse do braço e contusões no corpo e no nariz. Está a recuperar rapidamente.





## LOUSADA

# Mercado Histórico regressa à Vila

A vila de Lousada vai acolher, de 2 a 4 de junho, a habitual feira seiscentista. Serão recriadas tabernas, estalagens e tendas de muitos produtos de apoio a viandantes e seus veículos e animais de carga, por ferradores, carpinteiros, ferreiros e alquilarias. Simultaneamente, há representações de teatro e música. ||



Alunos e professoras junto à primitiva escola.

# Escola de Lodares estuda património

A escola básica de Lodares vai lançar a 16 de junho, 21h30, o livro *Lodares: 1000 anos de História*, na sequência de projeto no âmbito da biblioteca escolar sobre a história, património e personalidades locais.

A sessão integra sessão de teatro, exposição e atuações do grupo de bombos e do grupo de cavaquinhos local. ||



Lavrador, com traje domingueiro, conduz carro de bois com pipa de vinho para a Casa da Costilha, em data indeterminada.

## CRISTELOS EM LIVRO

# Percursos e desafios

São 72 arruamentos, 60 designações e 34 antigos lugares o objeto do livro *Toponímia de Cristelos*, de Luís Ângelo Fernandes, que a Junta de Freguesia vai lançar a 15 de julho, pelas 15h00, na sede da autarquia.

O autor refere que a obra procede à “inventariação, enquadramento histórico, relações de propriedade e caracterização dos espaços e percursos públicos da freguesia” constituindo, acima de tudo, uma necessidade histórica e um dever cívico, num desafio para olharmos de novo para a toponímia como reflexo local e nacional de ideologias e de opções políticas, económicas, religiosas ou culturais”.

Por sua vez, Eduardo Vilar, presidente da Junta, salienta tratar-se de um documento fundamental “para a compreensão da genealogia dos lugares, vivências da comunidade, ritmos do quotidiano e dinâmicas da vida pública”. ||

## CARTUNE



© ANTÓNIO PILAR

ANTÓNIO PILAR nasceu em Lisboa. Até à 4.ª classe o seu desempenho deixava antever um futuro brilhante. Mas, na realidade, esse foi o seu ponto alto, social e profissional. Terminou a sua atividade de escravo ao mais baixo nível, como diretor criativo numa agência de publicidade. Atualmente continua empenhado em fazer o menos possível. Uma canseira!

